

## RESUMO EXPANDIDO

Grupo de Trabalho (GT): GT-1: Convivência escolar e enfrentamento à violência: práticas que desenvolvemos para a melhoria da qualidade da escolarização

Modalidade do trabalho: comunicação oral

Formato de apresentação: on-line

### A VIOLÊNCIA ESCOLAR E A BARBÁRIE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA

Jhonatan Wilian da Silva<sup>1</sup>  
Zuleika aparecida Claro Piassa<sup>2</sup>

#### Resumo

A escola, muitas vezes, reproduz a lógica da sociedade violenta em vez de atuar como espaço de emancipação, que seria seu papel central. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a violência escolar a partir do conceito de barbárie desenvolvido por Theodor Adorno. Parte-se da premissa de que a violência presente nas escolas brasileiras reflete a permanência de traços da barbárie moderna, manifestos na indiferença, na desumanização e na perda do sentido formativo da educação. A pesquisa é de natureza bibliográfica, baseada em autores como Adorno (1995; 2006) e Hannah Arendt (2011). Foi dividida em três seções: a primeira denominou-se “A barbárie em Adorno: fundamentos teóricos” tem um caráter conceitual sobre a barbárie, a segunda, “Violência escolar como expressão da barbárie”, aborda como a violência se manifesta na escola e a terceira traz possibilidades de resistência e foi intitulada “Educação e resistência à barbárie”. A abordagem do tema justifica-se pela intensificação dos casos de violência escolar e a escolha da Teoria de Theodor Adorno para a abordagem do tema se deu em função da reflexão crítica sobre a educação no sentido de repensar o papel da escola diante da regressão subjetiva contemporânea em contraposição ao progresso científico e tecnológico. No campo pessoal, a pesquisa nasce da vivência dos pesquisadores no ambiente escolar e da convivência direta com as diversas formas de violência que marcam cotidianamente esse espaço. Sob o aspecto social, o trabalho intenta contribuir para o debate sobre a necessidade de construção de práticas pedagógicas e políticas educacionais que promovam a cultura da paz, o respeito e a valorização da vida como resistência à barbárie moderna.

---

<sup>1</sup>Especialista em educação, Professor da Educação Básica SEED-PR, Londrina, Paraná, Brasil, [jhonatan.willian.silva@uel.br](mailto:jhonatan.willian.silva@uel.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Estadual de Londrina – UEL – Londrina/Paraná, Brasil – [zuleikapiassa@uel.br](mailto:zuleikapiassa@uel.br)

**PALAVRAS CHAVE:** Violência escolar. Barbárie. Educação. Adorno. Emancipação.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a violência escolar a partir do conceito de barbárie desenvolvido por Theodor Adorno. Parte-se da premissa de que a violência presente nas escolas brasileiras reflete a permanência de traços da barbárie moderna, manifestos na indiferença, na desumanização e na perda do sentido formativo da educação. A pesquisa adota uma metodologia de natureza bibliográfica, baseada em autores como Adorno (1995; 2006), Hannah Arendt (2011) e Freire (1996). Em termos de organização o texto foi dividido três seções a saber:


A primeira: “A barbárie em Adorno: fundamentos teóricos” na qual se irá discutir o conceito de barbárie segundo Theodor Adorno e sua relação com a educação moderna. A fundamentação teórica deste estudo parte do pensamento crítico de Theodor Adorno, cuja obra se insere na tradição da Escola de Frankfurt e tem como eixo central a reflexão sobre a formação humana frente à barbárie moderna. Em seu texto “Educação após Auschwitz”, Adorno (1995) afirma que a principal tarefa da educação é evitar a repetição dessa histórica barbárie.

A segunda seção, “Violência escolar como expressão da barbárie”, busca identificar formas de violência presentes nas escolas brasileiras e sua relação com a desumanização social. Hannah Arendt (2011), ao refletir sobre a crise da educação moderna, destaca que a perda de responsabilidade dos adultos diante das novas gerações constitui um sinal de decadência moral e política. Para ela, educar significa introduzir o novo no mundo e assumir a tarefa de preservá-lo e transformá-lo. Essa perspectiva complementa a crítica de Adorno ao demonstrar que a violência — dentro e fora da escola — resulta também da ausência de compromisso ético com o outro e com o espaço público.

A terceira seção, intitulada “Educação e resistência à barbárie”, traz uma reflexão sobre o papel da educação como possibilidade de resistência e emancipação frente à barbárie. Paulo Freire (1987) contribui para essa discussão ao denunciar a chamada “educação bancária”, que transforma o aluno em mero receptor de informações, negando sua voz e sua capacidade criadora. Tal prática representa uma forma de violência simbólica, pois impede o diálogo e a emancipação dos sujeitos. Freire (1996) propõe, em contrapartida, uma educação

libertadora, pautada na ética, na escuta e na construção coletiva do conhecimento, elementos que convergem com a proposta adorniana de uma formação voltada à autonomia e à sensibilidade.

Esse estudo se justifica considerando-se que em um cenário onde a violência escolar se intensifica e se diversifica, compreender o fenômeno à luz do conceito de barbárie permite aprofundar a reflexão sobre os limites e as possibilidades da formação humana na contemporaneidade. Assim, esperamos contribuir para o avanço das discussões sobre ética, emancipação e responsabilidade social no âmbito educacional, oferecendo alguns subsídios teóricos que dialogam com autores clássicos que analisam a realidade dentro de uma perspectiva crítica e dialética.


O enfoque crítico adorniano possibilita compreender a educação não apenas como transmissão de saberes, mas como prática social comprometida com a humanização e a superação da indiferença por um lado e dos preconceitos por outro. A escolha do tema também possui um caráter pessoal, pois surge da experiência cotidiana do pesquisador no ambiente escolar, onde a violência, em suas diversas expressões — verbal, simbólica e física —, se manifesta com frequência. A vivência docente e o ntato direto com estudantes revelam a necessidade de compreender as causas profundas desse fenômeno e de buscar alternativas pedagógicas que promovam o respeito, o diálogo e a formação crítica.

O interesse pessoal na discussão se pauta na inquietação em busca por uma prática educativa que vá além da reprodução de conteúdos e que contribua para a construção de relações humanas mais solidárias e conscientes dentro e fora da escola. Como professores, sentimos a urgência em entender e enfrentar a crescente banalização da violência nas escolas brasileiras e seus impactos na formação cidadã. A escola, como espaço privilegiado de convivência e aprendizagem, reflete as tensões e desigualdades presentes na sociedade. A compreensão da violência escolar como expressão da barbárie moderna, conforme Adorno, permite repensar o papel social da educação como instrumento de resistência à desumanização. Dessa forma, vislumbramos a necessidade do debate público sobre a elaboração de políticas educacionais e práticas pedagógicas voltadas à promoção da cultura da paz, da ética e da valorização da vida.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A barbárie em Adorno: fundamentos teóricos

A violência escolar, fenômeno crescente no cenário educacional brasileiro, manifesta-se de múltiplas formas — físicas, psicológicas e simbólicas. Mais do que um problema disciplinar, trata-se de um reflexo da crise social e moral que marca a contemporaneidade. Adorno (1995), ao analisar a sociedade após a Segunda Guerra Mundial, alertou que a barbárie não havia sido superada, mas transformada em um modo de vida que se repete cotidianamente. Adorno (1995) Também entende a barbárie como a repetição da violência e da desumanização em sociedades que se julgam civilizadas. Após Auschwitz, afirma o autor, a tarefa fundamental da educação é impedir que algo semelhante se repita ou nas próprias palavras do filósofo: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 1995, p. 121).

A barbárie, portanto, não é um nto isolado, mas um estado social que se perpetua quando os sujeitos deixam de pensar criticamente e de reconhecer o outro como humano. A racionalidade instrumental — característica da sociedade moderna — produz indivíduos conformados, incapazes de reflexão ética. Assim, a educação que se limita à transmissão técnica de conteúdos contribui para a manutenção da barbárie, pois forma sujeitos adaptados e não emancipados.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), a cultura, ao se tornar mercadoria, perde seu potencial crítico e passa a reforçar o conformismo. A escola, nesse cenário, é organizada como espaço estratégico de produção de subjetividades integradas ao sistema social, em vez de promover uma autêntica formação. A crítica adorniana revela que a barbárie se manifesta sempre que a educação abdica de sua função humanizadora.

### 2.2 Violência escolar como expressão da barbárie

A violência escolar não deve ser compreendida apenas como agressão física ou verbal entre alunos e professores, mas como um fenômeno que expressa as contradições da sociedade capitalista e a crise da educação. A indiferença, o preconceito e o autoritarismo são formas de barbárie que se reproduzem nas relações escolares cotidianas.

No contexto brasileiro, a violência escolar reflete desigualdades sociais profundas. A ausência de políticas públicas, a precarização do trabalho docente e o esvaziamento do sentido da escola como espaço de cidadania contribuem para o aumento de tensões. Segundo Arendt (2011), a crise da educação está relacionada à perda da responsabilidade dos adultos pelo mundo comum — e essa ausência de responsabilidade também é um traço da barbárie.

## **2.3 Educação e resistência à barbárie**

Se a barbárie é a negação da humanidade, a educação precisa afirmar-se como resistência. Para Adorno (2006), a única forma de superar a barbárie é promover uma educação voltada à autonomia do sujeito, capaz de pensar por si e reconhecer o outro. Isso exige uma formação crítica, ética e estética, que valorize a sensibilidade e a autorreflexão crítica.

Freire (1996) reforça essa visão ao propor uma pedagogia da autonomia, baseada na escuta, na solidariedade e na esperança. A educação libertadora se opõe à barbárie porque reconhece o estudante como sujeito histórico e participante da transformação social. Dessa forma, o combate à violência escolar não se faz apenas por meio de normas disciplinares, mas pela construção de uma cultura escolar pautada no respeito e na empatia. Quando a escola silencia o estudante e o priva de participar criticamente do processo educativo, ela reforça o mesmo princípio que Adorno denuncia: a negação do pensamento e da liberdade.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa teve um caráter qualitativo, básico e exploratório, de cunho bibliográfico. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), trata-se de um tipo de pesquisa cujo objetivo é conhecer o problema, ampliar o que se sabe sobre o mesmo,

problematizá-lo. Para Severino (2013), a pesquisa qualitativa envolve a construção da pesquisa considerando a subjetividade do pesquisador.

No caso desta pesquisa, as obras centrais, utilizadas como fontes de pesquisa, foram livros de Theodor Adorno, de Max Horkheimer e Paulo Freire dentre outros autores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência escolar, analisada sob a ótica da barbárie Adorniana, revela-se como expressão da crise ética e cultural de nossa sociedade. A escola, longe de ser um espaço isolado, reflete as tensões e desigualdades do mundo social. Superar a barbárie exige mais do que punir comportamentos violentos: requer uma transformação profunda na forma de compreender o papel da educação.

Partindo das obras de Adorno (1995; 2006), Hannah Arendt (2011) e Freire (1996) defendemos que a educação precisa recuperar seu sentido emancipador e humanizador. Educar é, sobretudo, resistir à barbárie — é afirmar o valor da vida, do diálogo e da solidariedade como fundamentos de uma sociedade verdadeiramente civilizada. É romper com a lógica da integração e da produção de sentidos do ato educativo a partir do mercado e da consequente desigualdade social. É óbvio que não é uma tarefa fácil, ao contrário, demandará uma mobilização social que extrapola os muros da própria escola, que mesmo tomada como estratégia do aprofundamento do capitalismo tardio, há que se considerar sua condição dialética no processo formativo da população.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, **1995**.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. **Educação e Emancipação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais**: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes,

2006.

ARENDR, Hannah. A crise na educação. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2013.

